



PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-CARIRIENSE: TECNOLOGIA ANCESTRAL DOS FERREIROS DE POTENGI

Ana Paula dos Santos – paulacrato99@gmail.com

Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); <http://orcid.org/0000-0003-2605-0367>

Henrique Antunes Cunha Junior – hcunha@ufc.br

Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>

RESUMO: Tendo em vista as produções acadêmicas sobre a região do Cariri, com viés atravessado pela abordagem da afrodescendência, que não perde de vista as diversas possibilidades de existência da população negra na formação do território, este artigo tem como objetivo problematizar africanidades Caririenses a partir do trabalho centenário dos ferreiros da cidade de Potengi, Sul do estado do Ceará. Para isso, utilizou-se de um referencial específico sobre a importância do ferro para a cultura africana, entendendo-a como uma tecnologia muito antiga, transportada e ressignificada na cultura afro-caririense. O estudo de campo como metodologia, em uma perspectiva étnica, nos foi necessário para conhecer a dinâmica local que circunda esse conhecimento milenar. Como resultado, esta escrita, assim como o trabalho desenvolvido pelos ferreiros, é uma possibilidade didático-pedagógica para o ensino da cultura, história, química e tecnologia do território local.

PALAVRAS-CHAVE: Cariri cearense; Africanidades; Ferreiros.

*A escrita é uma coisa, e o saber outra.
A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si.
O saber é uma luz que existe dentro do homem.
A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram
a conhecer e se encontra latente em tudo o que nos transmitiram,
assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.
Tierno Bokar*

1 INTRODUÇÃO

É importante situarmos geograficamente o território sobre o qual estamos escrevendo e fazemos isso na abordagem da afrodescendência, em que as relações da população negra local e as africanidades assumem questão central. Desse modo, a região do cariri está localizada no território cearense, no Nordeste brasileiro. Para o eixo de pesquisa sociopoética, cultura e relações étnico-raciais, linha dos movimentos sociais, educação popular e escolar da Universidade Federal do Ceará, que desenvolve estudos sobre o Cariri e demais regiões com a temática racial, não há dúvidas sobre os marcadores de africanidades que circundam a região. Apesar disso, ainda se acredita que a ancestralidade caririense se remeta apenas à cultura indígena, para tanto temos em vista o objetivo de problematizar as

africanidades caririenses, assim como refletir sobre a formação da identidade local a partir da cultura e história territorial.

Partimos do entendimento de que a história do escravismo criminoso e a invisibilidade de nossas existências, enquanto população negra, não nos basta para entendermos a presença da cultura africana no território caririense, visto que a história oficial sempre nos tenha colocado dentro desse contexto, nossas histórias, vivências e existências negras, superam qualquer ideia subalterna ao nosso respeito. E,

[...] esta necessidade está colocada, dada a nossa análise de que o lugar a nós concedido dentro da chamada história oficial não é igual aos demais grupos sociais e, portanto, não é satisfatório. Reivindicamos presença em todos os capítulos dos livros de história e não apenas no capítulo que trata do escravismo, e ainda sob uma perspectiva subordinada, colonialista e, portanto, racista (SOUSA, 2015, p.64).

Reivindicamos um lugar epistêmico, que valorize de fato as contribuições africanas e afro-brasileiras na construção da formação do território caririense. Apontamentos como os da Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA, Nunes (2007), que têm no reisado um legado importante, devolvem para a memória e história local um apanhado de conhecimentos que promovem a religação com os nossos elos ancestrais africanos, construídos através do reisado como um marcador de africanidades, elemento que afirma a presença negra no Cariri. O trabalho traz um aprofundamento dessas raízes, devolvendo-nos o que ficou para trás.

Ressaltamos, também, o trabalho do Professor da Universidade Federal do Cariri – UFCA, Domingos (2011), sobre religiosidade de matriz africana no Cariri. Trabalho este que nos permite pensar que religiões afro-brasileiras têm suas próprias metodologias de transmissão de conhecimentos, nos seus ritos sagrados, transmitidos pelos mais velhos, encontram resistência para dar sentido à tradição da sacralidade africana. São estudos que, ao passo que desmistificam a premissa que no Ceará não tem negros, ainda fortalece positivamente a identidade afro-caririense.

Sousa (2015), nos presenteia com uma tese sobre a história da família Sousa, durante meados do século XX e XXI, em Juazeiro do Norte, para reconstruir a história da cidade, demarcando a presença afrodescendente e sua importância no desenvolvimento cultural e urbano de Juazeiro do Norte. São estudos produzidos pelo viés da afrodescendência que nos colocam como protagonistas de nossas próprias histórias e são as que queremos que também sejam contadas.

Outras produções locais, que tratam sobre educação e africanidades com outras pedagogias de pensar a escola, também entram no cerne da discussão sobre a existência da população negra do Cariri cearense. E sobre os estudos produzidos na região pelo movimento negro local, a respeito da população negra quilombola do campo, o Grupo de Valorização Negra do Cariri lançou, em 2011, em parceria com a Cáritas Diocesana de Crato, a Cartilha Caminhos, Mapeamento das comunidades Negras e quilombolas

do Cariri-Cearense, momento em que visitou vinte e cinco comunidades em quinze municípios. Todos esses estudos buscam rever a base da produção local, ao mesmo tempo produzem uma nova historiografia, a partir de aspectos da afrodescendência.

A afrodescendência é uma abordagem metodológica desenvolvida pelo professor titular da Universidade Federal do Ceará, Henrique Cunha Junior, o qual tem se preocupado com os diversos espaços sociais onde houve e há a participação da população africana e afrodescendente, buscando outros caminhos que não o da senzala, adentrando em outros espaços onde não haviam o registro dessa população, como por exemplo nas cidades, ou seja, os lugares urbanos (SOUSA, 2015).

Por isso é do nosso interesse, para este artigo, analisar o trabalho dos ferreiros na cidade de Potengi como uma herança da cultura africana, mesmo considerando que este território abriga um quilombo rural, para percebemos que a população negra demarca sua presença também nas cidades, dando-lhes sentido de africanidades.

Feito a apresentação das nossas pesquisas, é importante compreendermos o quanto já foi trilhado em direção à perspectiva da produção afrodescendente sobre a região do Cariri, e isso nos dá o respaldo para afirmarmos as várias possibilidades dos lugares em que a população negra caririense esteve e está ressignificando o território nas zonas rurais quilombolas, nos bairros negros periféricos, assim como nos centros urbanos.

Diante do exposto, o Cariri é um lugar em que os elos com o continente negro estão presentes na cultura do couro, cultura do ferro, reisados, congadas, religiosidades de matriz africana, resquícios geométricos na arquitetura de monumentos mais antigos, mapeamentos de comunidades negras rurais e na formação de quilombos espalhados por todo território caririense. Ou seja, as expressões do legado cultural africano no Cariri se expressam através de vários sentidos e simbologias, que continuam nas práticas culturais ressignificadas ao longo do tempo.

A marcante presença da população negra no Cariri, desde o período da colonização, contribuiu para o processo fecundador cultural da região. Essa história é importante para nós, porque constitui quem somos. Os nossos antepassados que estiveram no Cariri trouxeram africanidades representadas na resistência e na maneira própria de existir, marcadores que não podem ficar restritos apenas às cenas do tráfico negreiro.

Embora tenha sido certamente um cenário criminoso, que não podemos e nem temos como esquecer, trabalhamos com a ideia de que o transporte para além-mar não foi apenas de corpos negros, mas de uma imensa bagagem de conhecimentos que colonizaram o novo mundo. Portanto, as africanidades que fundamentam as relações entre África e Cariri, assim como com o restante do Brasil, é bem mais complexa e são esses elementos que desenham a geografia cultural, histórica e econômica da região.

Entendemos por africanidades o conjunto de elementos que fazem parte da cultura brasileira, que tem origem na África, materializada no modo de ser, viver e organizar as lutas, representados por africanos e seus descendentes que encontraram, no novo mundo, uma maneira de sobreviver, a partir de resistências, lembranças e de sabores da terra de origem, que ao longo dos séculos foram incorporados pela sociedade brasileira (SILVA, 2003).

Sobre africanidades no território Carirense, estamos considerando, na organização do espaço urbano, o ofício dos ferreiros como sendo de matriz africana que constitui um acervo do conhecimento ancestral africano ainda não registrado pela história oficial local como fonte de conhecimento para, por exemplo, contextualizar o ensino de história africana e afro-brasileira no currículo escolar em que trata a lei 10.639/2003.

Contudo, realizamos um estudo de campo, porque o pesquisador realiza praticamente todo o trabalho pessoalmente, esse tipo de pesquisa enfatiza que ele mesmo tenha experiência direta com a situação estudada, exige uma imersão na realidade e, basicamente, a pesquisa é realizada por meio de observação direta e pode usar como técnica a coleta de dados, documentos, filmagens e fotografias (GIL, 2002).

Destacamos que a produção do ferro nas sociedades africanas é um assunto ligado à tecnologia, à religião, visto que entre os Iorubás, Ogum é um orixá ferreiro e conhecedor do ferro e que entre os Bantos, Nkosi é um Inquice que também exerce papel análogo, destacando que tanto povos africanos Bantos e Iorubás formaram parte do contingente africano que colonizou o Brasil, quanto a tecnologia do período escravista brasileira (CUNHA JUNIOR, 2016).

2 A CULTURA DO FERREIRO, UM OFÍCIO ANCESTRAL AFRICANO

Decerto, o conhecimento metalúrgico nas regiões da África central é bastante antigo e, com isso, o impacto da presença do ferro nas sociedades, em torno desse lugar, afetou as relações sociais e econômicas das populações locais, em que os profissionais que dominavam esse saber passaram a ocupar posições diferenciadas dentro da sociedade e tinham um entendimento que os aproximavam da ancestralidade enquanto pensamento coletivo, pois nunca naquela região se organizaram em comunidades restritas ou separadas (SILVA, 2008).

Tudo é história, ou seja, a grande história da vida compreende a história das terras e das águas, no sentido geográfico, sagrado, filosófico e ancestral: a história dos vegetais, a botânica farmacológica, a história dos astros, a astronomia, astrologia e assim por diante (HAMPATÉ BÁ, 1982). Neste sentido, os ofícios artesanais são uma das principais atividades da tradição africana e elas possuem, enquanto

atividade humana, uma dimensão sagrada ou culto, principalmente as atividades que consistem em agir sobre a matéria e transformá-la, tendo em vista que tudo é considerado vivo (HAMPATÉ BÁ, 1982).

Na cosmovisão africana, tudo tem relação e o culto aos ancestrais é um dos elementos mais presentes no seu modo de ver o mundo, “a cosmovisão africana retira do culto aos ancestrais praticamente todos os seus elementos” (OLIVEIRA, 2006, p.63). É o que caracteriza o ligamento com o sagrado, ou seja, não se consegue separar a vida cotidiana da relação com os elementos naturais, que busca um equilíbrio entre Ayiê (terra) e Orum (céu).

A ancestralidade tem na cultura o seu movimento, é como um tecido produzido em um tear africano e nele está o espaço e o tempo entrelaçados na criação da existência, e a memória é a estampa desse estar existencial, em que vale o princípio de coletividade (OLIVEIRA, 2007).

Do ponto de vista ocidental, o ferreiro é alguém que manipula o ferro em temperaturas elevadas para a criação de objetos e, nas pequenas cidades, contribui para o desenvolvimento econômico. Do ponto de vista africano, o ferreiro é alguém que está para além disso, mas também não desconsidera o ofício como uma grande atividade econômica.

É inquestionável a importância econômica e comercial que o ferro possuiu nas sociedades centro-africanas, antes e durante o século XIX, no entanto, não é possível compreender a importância dos ferreiros na vida africana levando em consideração apenas esses aspectos. A ideia de se tornar ferreiro abrangia muito mais do que um conhecimento meramente técnico, até a extração do ferro não se dava sem o cumprimento de uma série de regras que envolviam as esferas do sagrado (SILVA, 2008).

Na África Ocidental e na África Central a forja do ferro foram ofícios tradicionais que fazem parte dos elementos da tradição oral, que é um conjunto de elementos culturais, como a música, língua, vestimentas, modos de viver. Tais elementos fazem brotar um homem com visões de mundo ligado à história ancestral individual e coletiva da comunidade, mas é ao mesmo tempo, a ligação com o sagrado. É saber estar em oxum e em ayê, que tem a ver com o comportamento cotidiano do africano. “A cultura africana não é algo, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida” (HAMPATÉ BÁ, 1982, p.170), faz parte da própria essência da experiência de estar no mundo.

A tecnologia do ferro foi desenvolvida na África, embora tenha vindo de fora do continente. Em vista disso, recebeu consideráveis inovações nas mãos dos africanos e ainda se tem a possibilidade muito concreta de eles terem desenvolvido essa tecnologia ao ponto de chegarem a uma liga muito próxima à do aço antes mesmo do século XVI. No entanto, o aço ou as ligas próximas só foram realizadas na Europa somente no século XIX (CUNHA JUNIOR, 2010, 2016).

E logo que os portugueses chegaram à África perceberam rapidamente a excelência do ferro que ali se produzia. Desde 600 a.C., os africanos já conheciam a metalurgia do ferro, eles desenvolviam uma técnica de pré-aquecimento dos fornos, que a Europa só foi ter acesso no século XIX. Esse tipo de

aquecimento lhes fornecia o próprio ferro e um tipo de aço de alta qualidade, comparável e até superior, em alguns casos, ao que sai das usinas europeias (SILVA, 2013).

O contato entre africanos e portugueses foi permeado de tensões, principalmente do ponto de vista do controle das riquezas minerais do continente. Uma vez que os europeus tinham interesses basicamente econômicos, os africanos estabeleciam suas relações a partir de outras visões e não somente a econômica. Eles possuíam uma percepção de mundo bastante peculiar, em que o equilíbrio entre os mundos animal, vegetal e mineral, inclusive com o ferro, eram importantes (SILVA, 2008).

Os ferreiros também foram consagrados pela mitologia africana e aparecem como destaques nos mitos, sendo relacionados a figuras de reis, ao poder, à fertilidade e à sacralidade.

Esse conhecimento chega até nós através da memória dos nossos ancestrais e foi isso que viabilizou todo o processo colonizador do novo mundo. Ou seja, a mão de obra africana, e toda a gama de conhecimentos empregada por ela, produziu no Brasil africanidades que ultrapassam o aspecto da simbologia, embora importantes para nós uma vez que visualizamos a presença negra de formas muito concretas, principalmente na organização do território e na construção das cidades.

A ressignificação do contato dos ferreiros de Potengi com o sagrado, na medida em que pedem proteção a quem eles dedicam fé, para que não haja acidentes na forja do ferro e nos locais de seu trabalho, é um elo com a velha maneira antiga de ser ferreiro, aquele que se conecta com algo mais do que o ferro, água e o fogo.

2.1 OS MESTRES DO FOGO POTENGIENSES

A região do Cariri é um território negro e se insere neste contexto, não apenas por salvaguardar diversas comunidades negras e quilombolas, sendo elas: Sítio Carcará em Potengi; Souza em Porteiras; Serra dos Chagas, Renascer Lagoa dos Crioulos e Nossa Senhora das Graças do Sítio Arapuca em Salitre; e a comunidade quilombola Sítio Arruda, em Araripe. Esta noção se dá também pela ancestralidade dos ferreiros de Potengi, e a partir disso sua relação com África.

E mesmo situando a memória ancestral do ofício dos ferreiros, Potengi também guarda a ancestralidade quilombola da comunidade rural de Carcará, que está a cerca de 18 quilômetros distante do centro da cidade e possui, em sua história, a prova da reminiscência quilombola. No entanto, neste trabalho, nossa escrita está voltada para a ancestralidade e ofício dos ferreiros.

O município de Potengi está localizado na região do Cariri e atualmente sua população é de 10.144 habitantes. A cidade é conhecida pelos mestres do fogo, uma vez que concentra ferreiros que trabalham na forja do ferro. É a cidade que não dorme, recebe essa designação visto que eles acordam antes do nascer do dia para iniciar a atividade nas oficinas distribuídas pela cidade.

As sensações de estar no mundo podem ser sentidas pelo uso da sensibilidade dos sentidos que o corpo dá à nossa existência. Em Potengi, ouvir as batidas do ferro marca a sonoridade da cidade e materializa o retorno a uma ancestralidade africana do ferreiro, não apenas como metalúrgico, mas a simbologia mitológica do rei-ferreiro.

A história do rei-ferreiro, no contexto da mitologia africana, se dá em torno da fundação de cidade estado, em que há uma associação entre o chefe e o ofício. Por exemplo, no surgimento do ferro para alguns povos, foi notável a relação entre o domínio da técnica da metalurgia ao poder. Essa relação foi explicada a partir de um missionário que fez a descrição histórica por mais de dez anos, de três reinos: do Congo, Matamba e Angola (SILVA, 2008).

Na história oficial de Potengi não aparece a metalurgia como marco fundador da cidade, e sim a agricultura, com o cultivo do milho, feijão, arroz e algodão. No entanto, são atividades que requerem o manuseio de ferramentas que são produzidas a partir da forja do ferro. Na África Ocidental, por exemplo, a cidade de Lopanzo, na atual República Democrática do Congo, foi criada por ferreiros e se tornou um grande centro produtor de ferro (SILVA, 2008).

Potengi tem africanidades singulares, a forja do ferro, o reisado de Caretas da localidade de Sassaré e o tralhado em renda, reconhecido como patrimônio da cidade, são marcadores importantes da sua história. O importante é o significado que essa tradição tem, por exemplo, nas máscaras usadas no reisado que fazem parte da tradição africana e estão presentes em rituais de determinadas etnias africanas. Percebemos a necessidade de buscar na África o significado da cultura do ferro para entendermos o valor cultural e histórico dessa cultura e como ela é ressignificada em Potengi.

As africanidades potengienses ganham sentidos na maneira como as oficinas dos ferreiros se organizam, a oralidade com a qual aprenderam o ofício, a memórias dos seus antepassados ainda presentes nas técnicas do manuseio do fogo, as construções antigas das oficinas de taipa ou de tijolo adobe, como exemplifica a imagem abaixo, são africanidades que constituem a identidade afro-caririense.

Figura 1 – Oficina de ferreiros em Potengi



Fonte: acervo das pesquisadoras

A partir da imagem, percebemos que nas construções das cidades também foi empregada mão-de-obra da população negra. Neste sentido, as cidades nascem negras e com elementos da cultura negra e, embora sejam informações negadas pela história oficial, no modo de organização espacial e dos tipos de moradias, utilizam técnicas antigas que se remetem a uma linhagem arquitetônica de origem africana, como a taipa de pilão, taipa de mão e o adobe, que são “técnicas construtivas com terra crua para casa e edifícios” (CUNHA JÚNIOR, 2010, p. 28).

Assim como nas sociedades da África Central, em Potengi é inquestionável a importância econômica e comercial que a forja do ferro possui. Vale ressaltar que, nesse continente, o valor atribuído à forja do ferro está para além da compreensão como atividade meramente econômica. A importância do papel do ferreiro, e para tornar-se um, é muito mais do que alguém que domina uma técnica, visto que tem relação com a mitologia, com o rei-ferreiro e rituais sagrados, sendo praticados até mesmo para a própria extração do ferro (SILVA, 2008).

Na cidade existem, pelo menos, 30 oficinas funcionando que empregam de 80 a 100 trabalhadores, variando de acordo com o período do ano. Essa atividade é responsável pela maior fonte de renda da cidade, depois da agricultura. Sobre essa tradição na cidade, os ferreiros não sabem dizer exatamente como foi iniciada, mas relatam que aprenderam com o mais velho da família e, assim, ela vai se perpetuando na história de Potengi.

O vaivém das mãos no manuseio do martelo, o fogo que aquece o corpo do ferreiro, as faíscas anunciam o formato do ferro bruto a ser moldado, o repouso da água no fogo que abrande e molda o formato da ferramenta a ser produzida. O trabalho envolve os elementos naturais: o fogo, água e vento.

O ferreiro trabalha sempre em dupla, com um ajudante que lhe auxilia na forja do ferro. Para aquecer o metal, usam carvão feito na região, com a árvore de jurema. Até que a ferramenta ganhe forma,

será martelada e aquecida várias vezes pelas mãos do ferreiro, é um ritual que exige esforço físico e cuidados com a elevada temperatura.

Figura 2 – Ferreiros de Potengi moldando um ferro.



Fonte: acervo das pesquisadoras

Percebemos, a partir da imagem acima, trabalhadores na forja do ferro na moldura de uma foice, observa-se que exige uma sintonia de ambos, entre o martelo do ferreiro e a marreta do ajudante e ficam de pé até dar a moldura da peça.

A matéria prima dos ferreiros de Potengi se dá a partir da compra da ferragem de molas de caminhão usadas. Em uma primeira impressão pode parecer sucata, mas, para eles, é o material base a ser reaproveitado e transformado em instrumentos de trabalho como enxadas e foices, que impulsionam a economia local, vendidas para outras cidades circunvizinhas.

A partir dos relatos dos ferreiros de Potengi sobre como aprenderam a tradição da lida com o ferro, percebe-se que tem, na tradição oral, o principal meio de fundição. Em uma sociedade oral a fala é reconhecida não apenas como um meio de se comunicar, mas como uma forma de se preservar a sabedoria dos ancestrais, transmitida de uma geração a outra (VANSINA, 2010).

Dessa forma compõe a tradição oral todo um repertório de conhecimentos que perpassam técnicas de produção e trabalho, cálculos, produções literárias, músicas cantadas e tocadas, danças, ritos, mitos, etc. Estes estão presentes na ancestralidade e nas gerações mais jovens uma vez que falamos de manifestações culturais vivas e vivificadoras. Há uma gama de conhecimentos que se amplia e se multiplica quando os buscamos através da tradição oral, porém focamos na palavra e na transmissão de memórias e histórias através da oralidade (OLIVEIRA, 2016, p.40).

Neste sentido, os ferreiros de Potengi ganharam uma simbologia artística. Um funcionário público da cidade, junto com mais alguns membros, fundou um conjunto musical inspirado nas batidas dos mestres do fogo. Desse modo, o grupo se intitulou “Ao som das cordas do ferro”, composto por seis pessoas, de acordo com reportagem publicada no Diário do Nordeste¹.

O repertório musical elaborado pelo grupo seguiu o mesmo passo de criação dos instrumentos musicais, pois a ideia era realmente trazer para o grupo algo que marcasse a identidade local, tendo como ponto de partida os ferreiros, marca registrada da cidade. O idealizador da banda é o funcionário público Raimundo Erivan Lucena de Almeida que, a fim de que as músicas e os instrumentos tivessem essas características, saía muito cedo para observar a sonoridade dos ferreiros, para que assim pudesse transformá-las em canções.²

Essa perspectiva de olharmos para a cidade estabelecendo relações de como ela ganha sentido a partir dos fazeres da população negra ressignifica a formação da identidade, neste caso, a do Cariri. Os ferreiros com suas histórias, narrativas e ancestralidade apontam para a possibilidade de uma educação territorializada, a partir da afrodescendência, isto porque suas vivências são capazes de preencher de sentido aulas sobre história, química e cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da pesquisa com africanidades tem nos colocado em um caminho que nos leva a respostas sobre nós mesmos. Desse modo, sob a perspectiva da afrodescendência, o território caririense nos recoloca dentro de uma história ancestral africana como protagonistas dessa história, diferente da que oficialmente insistem em nos colocar, subalternizando as nossas existências.

A nossa história não pode ser reduzida ao tronco, às senzalas e/ou às casas grandes. Nossos lugares de estar, existir e resistir subsidiaram toda a cultura que fundamentou a construção do Brasil nos diversos aspectos, como na tecnologia, na culinária, no comércio, na agricultura e na arte. O desenvolvimento das cidades não existiria sem a presença do trabalho e do conhecimento africano, portanto, a existência do município de Potengi pode ser pensada a partir da memória dos ferreiros e suas tradições.

¹ Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/oficio-e-som-dos-ferreiros-inspiram-musicos-de-potengi-1.1357917>. Acesso em: 20 jan. 2017.

² Informações retiradas do Diário do Nordeste. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/oficio-e-som-dos-ferreiros-inspiram-musicos-de-potengi-1.1357917>. Acesso em: 20 jan. 2017.

Chegamos ao entendimento de que Potengi e seus ferreiros, melhor dizendo suas africanidades, não constituem somente a memória local, mas a nossa como um todo, enquanto parte da história africana no Brasil.

O que foi aqui colocado pode ser parte como apontamentos iniciais de conteúdo para o currículo das escolas locais, em atendimento à Lei 10.639/03 sobre o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na ambiência escolar, uma vez que existem muitos marcadores de africanidades em Potengi, como os já apontados.

Essas reflexões tecidas nos asseguram, sem dúvidas, a nossa identidade coletiva enquanto população negra caririense neste espaço habitado por nós, cheio de nossas singularidades afrodescendentes, que territorializam o lugar com impressões e símbolos dos nossos ancestrais africanos.

4 REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. *Tecnologia africana na formação brasileira*. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. *História do ferro e do aço nas sociedades africanas tradicionais*: Educação Brasileira e Afrodescendência – disciplina de mestrado. 2016. Notas de aula.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. *Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE*. 2011. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: KI- ZERBO, Joseph (org.). *História geral da África I: metodologia e pré-história na África*. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010. v.1. cap. 8, p.167-212.

NUNES, Cícera. *O Reisado em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da história e cultura Africana e afrodescendente*: uma proposta para implementação da Lei nº. 10.639/03. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, David Eduardo de. *Cosmovisão africana no Brasil*: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, David Eduardo de. *Filosofia da ancestralidade*: corpo de mito na filosofia brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. *Feira livre de Bodocó como espaço educativo das africanidades bodocoenses*. 2016. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades: esclarecendo sentidos e definições. *Revista Espaço do professor*, Porto Alegre, n. 19, janeiro/março, 2003.

SILVA, Juliana Ribeiro da. *Homens de ferro: os ferreiros da África Central do século XIX*. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Alberto da Costa. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2013.

SOUSA, Kássia Mota de. *Por onde andou nossa família: veredas e narrativas da história de afrodescendentes no pós-abolição*. 2015. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010. v.1. cap. 7, p.139-166.

SANTOS, E. Ofício e som dos ferreiros inspiram músicos de Potengi. *Diário do Nordeste*. 09 ago. 2015. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/oficio-e-som-dos-ferreiros-inspiram-musicos-de-potengi-1.1357917>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

Title

Afro-caririense cultural heritage: ancestral technology of potengi blacksmiths.

Abstract

Bearing in mind the academic productions about the Cariri region, with a bias crossed by the Afro-descendant approach, which does not lose sight of the diverse possibilities of existence of the black population in the formation of the territory, this article aims to problematize Cariri's Africanities from work centenary of blacksmiths in the city of Potengi, south of the state of Ceará. For this, a specific reference was used on the importance of iron for African culture, understanding it as a very old technology, transported and reframed in Afro-Cariri culture. The field study as a methodology, in an ethnic perspective, was necessary for us to know the local dynamics that surround this ancient knowledge. As a result, this writing, as well as the work carried out by the blacksmiths, is a didactic-pedagogical possibility for teaching the culture, history, chemistry and technology of the local territory.

Keywords

Cariri from Ceará; Africanities; Blacksmiths.

Recebido em: 04/11/2019.

Aceito em: 02/04/2020.